

# O sujeito professor de língua portuguesa: a construção de uma imagem

## The subject teacher of portuguese: the bulding of an image

Aparecida Fatima Peres<sup>1</sup>  
Eliana Alves Greco<sup>2</sup>

**RESUMO:** Esta pesquisa, situada no âmbito da Análise do Discurso conhecida como de linha francesa, possui como eixo do dispositivo teórico-analítico a noção de sujeito, a partir dos estudos de Michel Pêcheux. Todo discurso é produzido por um sujeito e, ao mesmo tempo, constrói sentidos que representam as posições sociais, históricas e ideológicas desse sujeito. Nesse sentido, o sujeito professor também é marcado por seus traços sociais, ideológicos e históricos, e seus discursos, materialmente manifestados em sala de aula, reuniões, conversas ou em entrevistas, revelam sua identidade. Diante dessa questão, o objetivo deste artigo é analisar a construção da imagem do sujeito professor de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, de Maringá. O *corpus* da pesquisa é constituído por respostas a questionário fornecidas por professores de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental – terceiro e quarto ciclos – e do Ensino Médio, em diferentes escolas estaduais de Maringá. Por meio da análise dos discursos que emergiram dos questionários, foi possível construir a imagem do sujeito professor de Língua Portuguesa, bem como refletirmos sobre a manifestação desse sujeito no processo discursivo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Professor. Sujeito. Discurso.

**ABSTRACT:** This research, located in the ambit of Discourse Analysis known as of French School, has as theoretical-analytical axis the notion of subject, from Michel Pêcheux's studies. Every discourse is produced by a subject and, at the same time, it builds meanings that represent social, historical, and ideological positions in this subject. Thus, the subject teacher is also marked by his/her social, ideological, and historical traits and his/her discourses, materially manifested in the classroom, at

---

<sup>1</sup> Professora do Curso de Letras da Universidade Estadual de Maringá desde 2002. Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina.

<sup>2</sup> Professora do Curso de Letras da Universidade Estadual de Maringá desde 1996. Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo.

meetings, conversations or interviews, reveal his/her identity. Before this issue, the objective of this work is to analyze the building of the image of the subject teacher of Portuguese of the Elementary and High School in Maringá, Paraná, Brazil. The research *corpus* is constituted by answers to a questionnaire which were given by teachers of Portuguese of Elementary School – third and fourth grades – and of High School, in different state schools in Maringá. By means of the analysis of the discourses emerged from the questionnaires, it was possible to build an image of the subject teacher of Portuguese, as well as to think of the manifestation of this subject on the discursive process.

**KEYWORDS:** Teacher. Subject. Discourse.

## **Introdução**

Os discursos produzidos pela mídia e pela sociedade, na maioria das vezes, constroem a imagem do professor de forma negativa e desvalorizada. Além disso, normalmente a mídia dá voz a pessoas que não são professores para falarem sobre os professores e sobre o ensino. O professor acaba tendo pouco espaço para falar de si e de sua profissão, tendo sua voz apagada e silenciada, não se constituindo como sujeito.

Entretanto, o professor, quando utiliza o seu discurso, constitui-se como sujeito e constrói sentidos que representam suas posições sociais, históricas e ideológicas. O professor, ao se tornar sujeito por meio de seu discurso, também constrói a sua imagem, que não é individual, mas social. É a imagem que o sujeito professor tem de si, como ele se vê e como identifica seu papel social.

Sendo assim, o objetivo deste artigo é analisar a construção da imagem do sujeito professor de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, de Maringá, no Paraná. A pesquisa tem como aporte teórico a Análise do Discurso conhecida como de linha francesa, detendo-se principalmente na noção de sujeito.

O *corpus* foi constituído por respostas a questionário fornecidas por professores do Ensino Fundamental – terceiro e quarto ciclos – e do Ensino Médio, em diferentes escolas estaduais de Maringá.

Para direcionar nosso trabalho, apresentaremos, inicialmente, as noções de sujeito, heterogeneidade constitutiva, discurso, formação discursiva e interdiscurso, que são conceitos teóricos que orientarão a análise. Em seguida, abordaremos a questão do silenciamento da voz do professor e discutiremos a pesquisa da educadora Tânia Zaguri. Por último, faremos a análise do sujeito professor, por meio das respostas ao questionário, tendo por base as questões teóricas já apresentadas.

### **Sujeito e heterogeneidade constitutiva**

A noção de sujeito e a de subjetividade, desenvolvidas por Benveniste por meio de suas pesquisas sobre os pronomes, são de extrema importância para a Análise do Discurso. A partir de suas reflexões, a linguagem passou a ser considerada o lugar de constituição da subjetividade, e o sujeito a ocupar uma posição privilegiada nos estudos linguísticos. Para o autor, o homem se constitui como sujeito “na linguagem e pela linguagem”, uma vez que somente ela fundamenta “... na realidade, na sua realidade que é a do ser, o conceito de ‘ego’” (BENVENISTE, 1995, p. 286). É por meio da linguagem que o indivíduo se coloca como sujeito, e é ainda pela linguagem que a comunicação se estabelece e os indivíduos exercem seus papéis sociais, como o de professor, médico, aluno.

Benveniste tem uma significativa importância para os estudos da Análise do Discurso, por se preocupar com a enunciação e por ter incluído as noções de locutor, de subjetividade e de sujeito, constituído no processo de interação com um tu – alocutário. No entanto, por considerar a enunciação um ato individual de utilização da língua, o sujeito é fonte de seu discurso e se coloca como centro da enunciação, caracterizando-se como único, individual e homogêneo.

A concepção de sujeito único, central, origem e fonte de sentido passa a ser questionada por teorias que concebem como fundamental a noção de história, porque, segundo Brandão (1996), o sujeito é projetado num espaço e

num tempo e orientado socialmente. O discurso do sujeito, por ser produzido a partir de um determinado tempo e lugar, é situado em relação aos discursos do outro.

Dessa forma, a noção de subjetividade não está centrada no EU, mas incorpora o Outro na constituição do sujeito. Outro que envolve não só o seu destinatário para quem planeja, ajusta a sua fala, mas que também envolve outros discursos historicamente já constituídos e que emergem na sua fala.

Entretanto, até se chegar à questão de que a identidade do sujeito é construída na interação com o outro, a concepção de sujeito na Análise do Discurso se reconfigurou no percurso teórico traçado por Pêcheux, o qual compreende três fases. Na primeira, temos um sujeito assujeitado, interpelado pela ideologia, que não é fonte nem origem do dizer. Na segunda, o sujeito é assujeitado pela formação discursiva que o constitui como sujeito, mas tem a ilusão de ser o criador de seu discurso; é dotado de inconsciente, mas acredita estar consciente. E, na última fase, o sujeito divide seu espaço discursivo com o outro, construindo sua identidade na relação dinâmica com a alteridade.

Nessa terceira fase, foram introduzidos os estudos de heterogeneidade constitutiva de Authier-Revuz (1982). A heterogeneidade se faz presente na constituição do sujeito, uma vez que todos os discursos são constitutivamente atravessados pelos "outros discursos" e pelo "discurso do Outro". O sentido do discurso é, portanto, constituído na interlocução do eu e do outro e, além disso, do entrecruzamento de "outros discursos". Assim, um enunciado, que surge em um momento histórico e em um meio social determinado, toca em "outro discurso" ou no "discurso do Outro".

A heterogeneidade constitutiva é propriedade fundamental de todo discurso, mas não é necessariamente marcada na superfície discursiva, podendo ser recuperada pela interdiscursividade. Todavia, pode manifestar-se materialmente no discurso pela heterogeneidade mostrada, em que o locutor marca, de maneira explícita ou implícita, o outro em sua fala, para dizer que

não está em todo o discurso, para separar o seu discurso do discurso do outro (AUTHIER-REVUZ, 1982).

A autora levanta a hipótese de que as formas de heterogeneidade mostradas não são um reflexo fiel, no discurso, da heterogeneidade constitutiva. Na verdade, elas correspondem a uma forma de negociação do sujeito falante com a heterogeneidade constitutiva, ou seja, as formas marcadas da heterogeneidade mostrada reconhecem o heterogêneo, manifestando a onipresença nos lugares que tentam encobri-la.

O locutor, por imaginar ser a fonte de seu discurso, marca explicitamente os pontos de heterogeneidade em seu discurso, delimitando o outro, o que faz afirmar que esse outro não está em todas as situações. E, ao localizar o outro em um ponto do discurso, o locutor institui o resto do discurso como originário dele.

A concepção de sujeito que trabalharemos em nossa análise, portanto, é a de um sujeito marcado por traços sociais, ideológicos e históricos e que se constitui na sua interação com o outro. Nesse outro, inclui-se não apenas o interlocutor, mas também a voz de outros discursos, historicamente constituídos, que se encontram no nível do interdiscurso.

### **Discurso, formação discursiva e interdiscurso**

O discurso é produzido por um sujeito e, ao mesmo tempo, constrói sentidos que representam as posições sociais, históricas e ideológicas desse sujeito. E, provavelmente, a maior contradição do sujeito seja o fato de produzir o discurso e simultaneamente ser constituído por esse discurso.

Na produção de discursos, o sujeito está inserido numa formação discursiva, que é a manifestação, no discurso, de uma determinada formação ideológica. Esta é definida como "um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem 'individuais' nem 'universais' mas se

relacionam mais ou menos diretamente a posições de classes em conflito umas com as outras” (PÊCHEUX; FUCHS, 1997, p.166).

Pêcheux e Fuchs concebem o discurso como um dos aspectos materiais da ideologia, relacionando, dessa forma, ideologia e discurso, isto é, cada formação ideológica comporta como um de seus componentes uma ou várias formações discursivas interligadas.

Pêcheux (1997) chama de formação discursiva aquilo que, numa formação ideológica dada, ou seja, a partir de uma posição dada numa conjuntura, determina o que pode e deve ser dito. Dessa forma, a formação discursiva na qual o sujeito está inserido é que irá demarcar o que ele pode e deve dizer e o que não pode e não deve dizer.

Posteriormente, com os estudos de Courtine (1981) e de Maingueneau (2005), passou-se a questionar o fechamento de uma formação discursiva. Maingueneau afirma que não se deve procurar a identidade de uma formação discursiva numa análise fechada, voltada para seu interior, porém numa análise que vê a formação discursiva em sua relação com outras com as quais dialoga e atravessam seu campo.

Dessa forma, uma formação discursiva deve ser definida a partir de seu interdiscurso, porque é a relação interdiscursiva que estruturará a identidade das formações discursivas. E é a identidade de cada formação discursiva, colocada em relação ao espaço interdiscursivo, que irá preestabelecer os possíveis sentidos de um discurso.

De acordo com Maingueneau (2005), a unidade de análise pertinente não é o discurso, mas o interdiscurso, que é um espaço de trocas entre inúmeros discursos convenientemente escolhidos. Isso significa que sempre que se analisa um discurso, faz-se uma análise dos discursos que com ele se articulam, respeitando-se, porém, a identidade e a autonomia relativa do discurso que é objeto de análise.

## **O silenciamento da voz do professor**

Os discursos produzidos pela mídia e pela sociedade constroem a imagem do professor, na maioria das vezes, de forma negativa e desvalorizada. A imagem do professor na mídia foi pesquisada por Greco (2012), ao analisar a imagem do professor construída pela revista semanal *Veja*. A pesquisa mostrou que o professor é visto como o responsável pela má qualidade de ensino, pela violência na escola e pelo fato de os alunos não se interessarem pelos estudos. Além do mais, o professor não está preocupado com o aprendizado dos alunos e não faz planejamento, limitando-se ao livro didático. É importante salientar ainda que os discursos analisados foram produzidos por pessoas não ligadas ao ensino e que, portanto, não conhecem a realidade de uma sala de aula.

A mídia possui um destaque em nossa sociedade enquanto prática discursiva produtora e reprodutora de informação e de opinião, podendo determinar a visão que o sujeito tem de si e do outro. Por meio de seu discurso, a mídia produz e faz circular infinitos efeitos de sentido na sociedade, cristalizando visões de mundo, preconceitos e estigmas. Esses discursos podem influenciar as pessoas, fazendo com que o leitor possua uma imagem distorcida da realidade, não valorizando o professor e conseqüentemente o ensino.

O que podemos perceber é que o professor tem a sua voz apagada, silenciada, denegada, não tendo a oportunidade de assumir seu discurso, constituir-se como sujeito e criar sua própria imagem discursiva.

Diferenciando-se de discursos que falam pelo professor e sobre o professor, a educadora Tânia Zaguri, em 2006, publicou o resultado de uma pesquisa de campo inédita no Brasil, com o objetivo de "colher dados concretos sobre o pensamento do professor brasileiro que atua em sala de aula" (p.73). Durante três anos e meio, a educadora entrevistou 1.172 professores de escolas públicas e privadas, em 42 cidades brasileiras, em 22 estados,

abrangendo todas as regiões do Brasil, buscando, por meio de dados empíricos, apontar as causas da falência do ensino básico.

A importância do projeto da educadora está no fato de colher dados a partir do olhar do professor sobre os problemas da escola brasileira, ou seja, de dar voz às pessoas que realmente conhecem o dia a dia da sala de aula. Levando essa pesquisa para a área de Análise do Discurso, podemos dizer que o estudo propiciou ao professor se apropriar da linguagem, colocar-se como sujeito de seu discurso, visto que o homem se constitui como sujeito “na linguagem e pela linguagem” (BENVENISTE, 1995, p. 286). É um sujeito que trabalha a linguagem e se constitui nesse processo, assumindo diferentes posições enunciativas e ideológicas e que, por meio do discurso, defende suas ideias, crenças e convicções.

O professor, por meio de seus discursos, oral ou escrito, em sala de aula ou fora dela, constrói sua imagem, que não é individual, mas social. É a imagem que o sujeito professor tem de si, como ele se vê e como identifica seu papel social.

Diante dessas reflexões, propomo-nos em realizar a pesquisa no sentido de dar voz ao professor, colocando-o como sujeito de seu discurso, contribuindo, assim, para a compreensão do papel do professor como mediador na construção de conhecimentos.

### **Questionário de pesquisa**

Considerando que o sujeito emerge no discurso por meio da materialidade linguística, foi realizada uma entrevista com os professores de Língua Portuguesa, que atuam no Ensino Fundamental – terceiro e quarto ciclos – e no Ensino Médio, em diferentes escolas estaduais de Maringá, no Paraná, por meio de um questionário elaborado previamente, com perguntas que tratam sobre o seu trabalho em sala de aula.

Os questionários foram aplicados a vinte professores em diferentes escolas estaduais, no ano de 2010, entretanto somente nove foram respondidos e devolvidos, e estes constituem o *corpus* da pesquisa.

As questões disponibilizadas no questionário foram:

1. Quais os motivos que o levaram a ser professor de Língua Portuguesa?
2. O que mais o aborrece e o que mais o agrada no âmbito de sua profissão?
3. Ao preparar suas aulas, em que você se baseia? Por quê?
4. Quais atividades são priorizadas no seu planejamento? Por que você prioriza essas atividades?
5. Você tem participado de cursos de capacitação de professores oferecidos por instâncias governamentais e/ou privadas? Descreva a importância desses cursos para a sua formação profissional.
6. Na sua opinião, como seria um professor competente para trabalhar o ensino de Língua Portuguesa?
7. Quais mudanças ocorreram na sua profissão durante os anos?

Entretanto, devido à amplitude do *corpus*, das sete questões, analisaremos, neste artigo, as questões número 1, 3 e 4.

### **A constituição do sujeito professor de Língua Portuguesa**

Por meio da análise dos discursos que emergiram das respostas ao questionário, foi possível construir a imagem do professor de Língua Portuguesa. E, embora os professores não soubessem o que seria analisado, todos buscaram construir uma imagem de credibilidade.

O professor, quando se torna sujeito por meio de seu discurso, constrói uma imagem que não é individual, mas social. Isso porque o sujeito não é o indivíduo, porém é o sujeito do discurso, que carrega marcas do social, do ideológico e do histórico. Sendo assim, a análise não se deterá em professores específicos, mas no sujeito construído por meio da materialidade linguística presente nos questionários.

O primeiro ponto que queremos abordar é o motivo pelo qual o sujeito escolhe ser professor de Língua Portuguesa. Para isso, analisamos as respostas contidas na pergunta “Quais os motivos que o levaram a ser professor de Língua Portuguesa?”.

Um dos professores escolheu a profissão porque teve uma professora de Língua Portuguesa como modelo:

Eu gostava muito de minha professora de Língua Portuguesa, ela ensinava com muito carinho, me motivou a gostar de ler, era dedicada e amiga, valorizava os textos que produzíamos, fazíamos passeios, me lembro dela dizendo: “temos que ler nas linhas e nas entrelinhas”, enfim, foi a admiração que tinha pela professora ...

Podemos observar nas sequências discursivas acima que a decisão pela profissão se ampara em modelos que permaneceram na memória discursiva desse professor. Há uma imagem de professor ideal – ensinar com carinho, motivar os alunos a gostarem de ler, ser dedicada, amiga, valorizar as produções dos alunos – e, ao se escolher essa profissão, pressupõe haver o desejo de ser igual a esse modelo.

Percebemos, nesse recorte, que o sujeito mostra a presença do outro na cadeia discursiva, fazendo uso da heterogeneidade mostrada (AUTHIER-REVUZ, 1982). O sujeito recupera, em sua memória discursiva, a voz da professora que lhe serviu de modelo: “temos que ler nas linhas e nas entrelinhas”, para dar credibilidade à sua fala. Nesse caso, a heterogeneidade mostrada é marcada pelo discurso direto, sendo a voz da professora colocada entre aspas.

Enquanto um dos sujeitos escolheu ser professor de Língua Portuguesa porque admirava sua professora, a maioria apontou como motivo o gosto pela Língua Portuguesa:

Gosto muito da nossa língua, sempre gostei de aprender sobre a língua que usamos para falar, escrever, enfim, comunicar-nos. Ensinar um pouco sobre essa nossa língua é muito prazeroso.

Gosto de Língua Portuguesa.

Já outros professores escolheram o curso de Letras como uma segunda opção:

Eu sempre tirei notas razoáveis nessa disciplina, sem precisar estudar. Outro motivo é que eu queria fazer um curso da área da comunicação. Não havendo condições de realizar esse meu sonho, como segunda opção, escolhi Letras.

Queria fazer odontologia e, na época em que fiz faculdade, a mais próxima de minha cidade oferecia somente cursos de licenciatura em Letras, Matemática ou Ciências e, como gostava de literatura ...

Nessas sequências, podemos observar que os sujeitos não desejavam ser professor de Língua Portuguesa, mas, como não podiam cursar a profissão pretendida, fizeram o curso porque tiravam notas razoáveis em Português ou porque gostavam de Literatura.

A análise do discurso materializado nas respostas à pergunta evidenciou que os sujeitos, com exceção do primeiro, não escolheram a profissão por um desejo de ser professor, por uma realização pessoal ou uma imagem a ser seguida. Muitos não tiveram a oportunidade de estudar o curso pretendido e, pelo fato de gostarem dos conteúdos abordados na disciplina Língua Portuguesa ou Literatura, fizeram Letras. No entanto, mesmo não sendo uma primeira opção, formaram-se e continuaram atuando como professores de Língua Portuguesa na rede pública de ensino.

Por meio da resposta às perguntas "Ao preparar suas aulas, em que você se baseia? Por quê?" e "Quais atividades são priorizadas no seu planejamento? Por que você prioriza essas atividades?", foi possível analisar a imagem dos professores quanto à sua postura teórica.

O discurso revelou um professor que possui uma concepção interacionista da linguagem, que conhece as novas propostas de ensino e busca novos subsídios teóricos para inovar suas aulas. Além disso, o professor valoriza a condição sócio-histórica do educando, pelo fato de considerar aspectos como idade, conhecimento prévio e interesse do aluno:

... selecionar conteúdos que estejam de acordo com a idade ou série e sejam significativos para o aluno.

respeito à diversidade cultural, à inclusão e ao perfil do educando

... penso primeiramente se o conteúdo vai ser interessante para o aluno e se terá alguma importância para ele. Coloco-me em seu lugar e tento ver alguma razão para assistir àquela aula.

Uma discussão prévia a respeito do tema da aula, buscando retomar as experiências dos alunos, é atividade importante para a introdução do conteúdo

Nos *corpus*, encontramos palavras e expressões inerentes às teorias linguísticas modernas, como a Linguística Textual e a Pragmática, conforme abaixo:

possibilitam uma interlocução do aluno num sistema de linguagem dinâmico, não operando de forma estanque, mas usando a reflexão como falante nessas práticas discursivas.

Atividades de leitura e escrita, de análise linguística e interpretação textual.

As atividades de leitura e interpretação, pois são atividades que o aluno usa no cotidiano.

procuro basear-me na maior necessidade do aluno para uma boa produção de texto...

A prioridade nos meus planejamentos é a produção de texto porque a partir daí posso ver as dificuldades que eles apresentam e assim tentar saná-las.

Na verdade, o que percebemos é uma interdiscursividade com as Diretrizes Curriculares Estaduais do Paraná, uma vez que os sujeitos afirmam seguir esses documentos:

Na disciplina de língua portuguesa são priorizados os quatro eixos básicos do trabalho docente: oralidade, leitura, escrita e análise linguística.

Ao preparar minhas aulas baseio-me nas indicações das Diretrizes Curriculares Estaduais que propõem compromisso com a formação humana e com o acesso à cultura geral...

Atividades que englobem o conteúdo estruturante segundo a DCE, levando em consideração o discurso como prática social: leitura, oralidade, escrita e análise linguística...

As Diretrizes Curriculares priorizam o trabalho com três eixos fundamentais: oralidade, produção escrita e análise linguística.

Quando os sujeitos dizem que trabalham com a leitura e a produção textual, mostrando ser um professor sócio-interacionista, estão incorporando a voz das Diretrizes Curriculares em seus discursos, visto que esse documento prioriza o trabalho com a leitura, a produção textual e a análise linguística. O sujeito acredita que está produzindo o seu próprio discurso, quando, na realidade, está reproduzindo os discursos das Diretrizes Curriculares do Estado do Paraná.

Entretanto, ao mesmo tempo em que há a construção de um sujeito professor que trabalha com a leitura e a produção textual, bem como com a reflexão sobre a língua, os discursos mostraram um sujeito que também se encontra preso ao ensino da gramática tradicional e à concepção de linguagem estruturalista, como podemos depreender abaixo:

... conhecer bem a estrutura da língua portuguesa desde a semântica, fonética, fonologia, ortografia, morfossintaxe, sintaxe ...

o que se vê hoje é um crescente analfabetismo certificado, muita dificuldade de ortografia.

O que meu aluno deve apresentar no final de um curso de ensino médio é uma escrita senão quase perfeita, sem erros escandalosos de escrita

Nessas sequências discursivas, o sujeito deixa transparecer uma abordagem estruturalista em relação à metodologia de ensino, prendendo-se a uma abordagem de ensino que contemple regras gramaticais sem grande interação com o mundo no que diz respeito em formar cidadão de autocrítica.

Notamos que o discurso dos professores é atravessado por diferentes discursos, revelando um sujeito dividido entre duas formações discursivas: a da

linguística moderna e a da gramática tradicional. Esse confronto de formações discursivas evidencia um sujeito que incorporou a voz dos estudos linguísticos modernos, mas que ainda reproduz o discurso do ensino tradicional. Um sujeito dividido entre a concepção interacionista da linguagem e as concepções de linguagem como expressão do pensamento e instrumento de comunicação (GERALDI, 2001).

O que mais nos chamou a atenção na análise foi a constituição de um sujeito submisso à SEED, às Diretrizes Curriculares da Educação Básica e ao projeto pedagógico da escola:

Durante o período letivo, nós fazemos um planejamento, pois temos conteúdos a seguir que são enviados pela SEED e discutidos na Semana Pedagógica, são os conteúdos apresentados nas Diretrizes Curriculares.

As nossas aulas são preparadas sob a luz desses documentos – Diretrizes e Planejamento bimestral.

Os conteúdos estruturantes que fazem parte das diretrizes são fundamentais para os fundamentos na referida área do conhecimento.

Os discursos acima revelam um sujeito assujeitado, visto que reproduz aquilo que lhe determinam, ou seja, as Diretrizes Curriculares e as normas pedagógicas da escola. De acordo com Pêcheux, a formação ideológica vem a ser a base na construção do sujeito e dos sentidos. O indivíduo é interpelado pela ideologia para que possa produzir o seu dizer. Dessa forma, o sujeito será assujeitado como um sujeito ideológico, de forma que cada sujeito interpelado pela ideologia venha ocupar o seu lugar em um grupo ou classe social de uma determinada formação social. Assim, o sujeito analisado demonstra seguir aquilo que é determinado pela formação discursiva do governo e da escola.

Além de um sujeito submisso às Diretrizes e à SEED, também podemos recuperar a imagem de um sujeito submisso ao vestibular:

Priorizamos os gêneros porque trabalha a escrita, favorece a reflexão e é cobrado nos vestibulares.

O professor trabalha com gêneros não somente porque acredita ser importante na formação do aluno, mas também porque é cobrado na prova de redação do vestibular, e é o vestibular que irá nortear o seu trabalho. Verificamos, assim, um sujeito assujeitado à SEED, ao projeto pedagógico da escola e ao vestibular, porque trabalha em sala de aula aquilo que lhe ditam.

### **Considerações finais**

Este artigo teve como objetivo analisar a constituição do sujeito professor de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, de Maringá, no Paraná, por meio de questionário escrito.

A pesquisa teve como aporte teórico a Análise do Discurso conhecida como de linha francesa, detendo-se principalmente na noção de sujeito. A concepção de sujeito na Análise do Discurso se reconfigurou no percurso teórico arquitetado por Michel Pêcheux. De sujeito assujeitado e interpelado pela ideologia, construído na primeira fase, chegamos aos desdobramentos mais recentes: um sujeito heterogêneo, dividido e clivado, marcado por traços sociais, históricos e ideológicos e que se constitui na sua interação com o outro. A noção de heterogeneidade constitutiva proposta por Authier-Revuz foi de suma importância para essa concepção de sujeito.

O sujeito produz discursos, em determinado contexto social, histórico e ideológico, mas, ao mesmo tempo em que produz o discurso, também é constituído pelo discurso.

Os discursos que emergiram dos questionários mostraram que o sujeito professor de Língua Portuguesa se constitui na sua interação com o outro, ou seja, seus discursos são atravessados pela voz de outros discursos historicamente constituídos: das Diretrizes Curriculares da Educação Básica, da gramática tradicional, da SEED e das diferentes concepções da linguagem. Assim, a heterogeneidade se faz presente na constituição do sujeito professor.

Acreditamos que a importância desta pesquisa esteja no fato de ter dado voz ao professor, colocando-o como sujeito de seu discurso, contribuindo, assim, para a compreensão do papel do professor como mediador na construção de conhecimentos dos alunos. Além disso, esperamos que os resultados possam auxiliar nos processos de formação inicial e formação continuada de profissionais da área de Letras.

### Referências

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. *Heterogeneité montrée et heterogeneité constitutive: éléments pour une approche de l'autre dans le discours*. DRLAV, Centre de Recherche de l'Université de Paris, Paris, n. 26, p. 91-151, 1982.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de lingüística geral I*. 4. ed. Campinas: Pontes, 1995.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. *Introdução à análise do discurso*. 5. ed. Campinas: Unicamp, 1996.

COURTINE, Jean-Jacques. "Quelques problèmes théoriques problèmes théoriques et méthodologiques en analyse du discours; à propos du discours communiste adressé aux chrétiens". In: *Langages*, (62);9-127, juin 81. Paris, Larousse.

GERALDI, João Wanderley. Concepções de linguagem e ensino de Português. In: GERALDI, João Wanderley (org.). *O texto na sala de aula*. 3. ed. São Paulo: Ática, 2001, p. 39-56.

GRECO, Eliana Alves. A imagem do professor construída pela revista *Veja*. In: JORNADA INTERNACIONAL DE ESTUDOS DO DISCURSO E ENCONTRO INTERNACIONAL DA IMAGEM EM DISCURSO, 2, 1, 2012, Maringá, PR. *Anais...* Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2012. Disponível em: <anais.jiedimagem.com.br>. Acesso em: 12 jun. 2012.

MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese do discurso*. Criar Edições: Curitiba, 2005.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 3. ed. Campinas: Unicamp, 1997.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, Françoise; HAK, Toni (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 3. ed. Campinas: Unicamp, 1997.

ZAGURI, Tânia. *O professor refém: para pais e professores entenderem por que fracassa a educação no Brasil*. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.